

AUTOS DE PARTILHA EM FOCO: EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E RESGATE DO PATRIMÔNIO LINGÜÍSTICO E CULTURAL

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto¹; Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz²

1. Bolsista voluntária, Graduanda em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nilce11.barreto@gmail.com.

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rcrqueiroz@uol.com.br

PALAVRAS-CHAVE: Auto de Partilha, Edição semidiplomática, Patrimônio Linguístico-cultural.

INTRODUÇÃO

O homem sempre buscou através da escrita a preservação da sua cultura, da sua língua e da sua história. E isso já era percebido durante a Pré-história quando os seres primitivos buscavam se comunicar através de desenhos rústicos nas cavernas. Desde então essa necessidade foi ganhando enormes proporções até que o ser humano conseguiu desenvolver a escrita adotada pelos povos fenícios.

Conseqüentemente, o domínio da escrita foi o primeiro passo para que o homem começasse a sentir a extrema necessidade de produzir meios que conservassem por longo tempo a sua história, alternativas estas que contribuíram para que a cultura destes povos fosse passada de geração em geração e preservada do esquecimento e das alterações feitas por terceiros. Esta necessidade de preservação já se fazia sentir durante o período helenístico da Antiguidade Grega no século III a. C, quando os grandes filólogos da época, que tinham o seu centro de atividades em Alexandria, registravam por escrito os textos da poesia grega.

A partir disso a tradição da edição de textos antigos se manteve durante toda a Antiguidade. Nasce nesse período as primeiras ideias do que, no século XIX, iria se consagrar como Filologia, ciência que busca acima de tudo trazer à tona a autenticidade dos textos escritos, utilizando para isso a língua como seu instrumento de estudo e pesquisa ou como diz Bueno (1967, p. 11) “[...] na filologia a língua é apenas instrumento, o meio de que se serve o estudioso para compreender e interpretar os documentos onde se encerram os dados da civilização [...]”, ou seja, o texto transforma-se em “testemunha” da língua que se fala.

Em relação ao léxico, é interessante notar que o primeiro estudo lexical foi realizado no século IV a. C, na Índia, através das observações realizadas por Panini, que buscou fazer o levantamento de algumas lexias da época. Além dele, vários outros povos, como por exemplo, os gregos e os latinos, deram uma especial atenção para o léxico. Porém, foi no século XVI, no Ocidente, que se começou a pensar mais profundamente nessa questão. Surge então a Lexicologia, que é a ciência que tem como objeto de estudo o léxico e que busca, também, analisar semântica e sistematicamente as palavras dentro de uma língua, levando em consideração o contexto em que esta está inserida.

Falamos do surgimento e da ciência que estuda o léxico, mas o que é mesmo Léxico? Segundo Rohlfs (1960) “Léxico é a totalidade das palavras de uma língua [...]”. Diante disso, fica implícito que é impossível estudar o léxico sem se enveredar também pela história e pela cultura de um povo, sendo esta última, de acordo com Hoebel (1981, p. 57) “[...] o sistema integrado de padrões de comportamento aprendidos, os quais são características dos membros de uma sociedade [...]”, ou seja, é necessário que o editor do texto conheça os padrões de comportamento do povo que se intenta estudar para que se possa chegar a conhecer o máximo de palavras possível dessa língua, ou melhor, observar e analisar o léxico presente em dois autos de partilha diferentes, a saber, o primeiro de Archimimo Alves de Amorim, oriundo da cidade de Humildes-BA; e o segundo, o de Lourenço Correia de Miranda, da cidade de

Riachão de Jacuípe- BA, os quais fazem um relato de como ocorreu a divisão dos bens entre os membros de cada família. A partir dos conteúdos desses documentos e após a edição semidiplomática de cada um, sendo que o segundo auto foi editado por Angela Maria Souza Cerqueira, graduada em Licenciatura em História pela UEFS, foram observadas a presença de diversas lexias que fazem referência ao universo rural, ou melhor, pelo fato de haver termos que não são conhecidos por todos, visto que se trata de termos específicos da zona rural, como por exemplo, “besta melada”, “prensa”, “roda de ralar mandioca”, “potro sem muda”, etc, foi iniciado um estudo sistematizado desse vocabulário com o objetivo de que muitas pessoas passassem a conhecer essas lexias, o qual será de vital importância para a Filologia e para a Semântica, o que implicará no resgate da cultura dos povos dessas localidades baianas.

Portanto, serão apresentados neste trabalho a edição semidiplomática de dois autos de partilha, ambos pertencentes à área cível. O primeiro relata a partilha feita entre os membros da família de Lourenço Correia de Miranda, datado de 20 de abril de 1870, com 10 fólios e pertencente ao acervo de Manuscritos e Impressos da Biblioteca Setorial Monsenhor Renato de Andrade Galvão, localizado no Museu Casa do Sertão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)- BA; e o segundo, refere-se aos bens da família do Senhor Archimimo Alves de Amorim, datado de 15 de maio de 1900, com dezessete fólios, constante do acervo do CEDOC (Centro de Documentação e Pesquisa) também localizado na UEFS. Posteriormente à edição semidiplomática foi feito um estudo lexicológico acerca de determinadas lexias do universo rural tendo como base teórica os estudos filológicos, levando-se em consideração o léxico aliado à semântica, o qual terá como ponto de partida o elencamento das lexias em um único macrocampo: A Fazenda, o qual foi dividido em cinco microcampos diferentes, a saber, “instrumentos de trabalho”, “animais da fazenda”, “objetos da casa e outros”, “casas várias” e “arredores da fazenda”. Cada auto será apresentado com as suas devidas siglas: APAAA referente ao Auto de Partilha de Archimimo Alves de Amorim e APLCM para o Auto de Partilha de Lourenço Correia de Miranda, a fim de se especificar o documento em que cada lexia foi encontrada.

METODOLOGIA

1) Foram adotados alguns critérios para a edição semidiplomática, como:

- Na descrição, observou-se:
 - a) Número de colunas;
 - b) Número de linhas da mancha escrita;
 - c) Existência de ornamentos;
 - d) Maiúsculas mais interessantes;
 - e) Existência de sinais especiais;
 - f) Número de abreviaturas;
 - g) Tipo de escrita;
 - h) Tipo de papel;
 - i) Data do manuscrito
- Na transcrição:
 - a) Respeitou-se fielmente o texto: grafia (letras e algarimos), linha, fólio, etc;
 - b) Indicou-se o número de fólio à margem direita;
 - c) Numerou-se o texto linha por linha, indicando a numeração de cinco em cinco, desde a primeira linha do fólio;
 - d) Separaram-se as palavras unidas e uniram-se as separadas;
 - e) Desdobraram-se as abreviaturas, apresentando-as em itálico e negrito;
 - f) Utilizaram-se colchetes para as interpolações.

2) Utilização da edição para um estudo sistematizado do léxico referente ao vocabulário rural presente nas duas cidades baianas, Riachão do Jacuípe e Humildes, dos séculos XIX e XX, respectivamente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a edição semidiplomática das duas Partilhas Amigáveis dos Senhores Archimimo Alves Amorim e de Lourenço Correia de Miranda, foi feito um estudo léxico-semântico de alguns vocábulos pertencentes ao universo rural dos documentos selecionados.

ESTUDO DO LÉXICO

MACROCAMPO “FAZENDA”

Microcampo: Instrumentos de Trabalho

BULANDEIRA – S.f. Que aciona o rodete de ralar mandioca.

Contexto: “[...]Uma caza que serve para se fazer fari-/ nha com seus accessorios constando de Bu-/ landeira, Prença, forno e côxos, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

CÔXO – Adj. Local onde se coloca a massa da mandioca para ser peneirada.

Contexto: “[...]Uma caza que serve para se fazer fari-/ nha com seus accessorios constando de Bu-/ landeira, Prença, forno e côxos, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

Microcampo: Animais da Fazenda

BÊSTA MELADA – Loc. Adj. Quadrúpede, principalmente de grande porte, da cor do mel; diz-se de animal dessa cor.

Contexto: “[...]Dexaõ=lhe uma **bêsta melada** por trin-/ ta mil reis [...]” (APLCM, fl.7r, l.23-25)

NOVILHA – Loc. Adj. Vaca nova; bezerra.

Contexto: “[...]Duas **novilhas** avaliadas a vinte mil reis [...]” (APLCM, f. 2v, l.11)

Microcampo: Objetos da Casa e Outros

BANCO – S.m. Assento, com encosto ou sem ele, de formas variadas, rústico ou não, feito de madeira, ferro, pedra, concreto, etc, usado, sobretudo, em salas de espera.

Contexto: “[...]Hum **banco** em bom uzo avaliado por [...]” (APLCM, f. 2v, l.2)

MESA – S.f. Móvel, comumente de madeira, sobre o qual se come, escreve, trabalha, joga, etc.

Contexto: “[...] Huma **mesa** velha avaliada por um/ mil reis [...]” (APLCM, f.2r, l.29-30)

Microcampo: Casas Várias

CASA DE ESTRIBARIA – Loc. Adj. Habitação que serve para se recolher bestas e arreios.

Contexto: “A **caza que serve para estribaria** e uns vãos/ contiguos a mesma estribaria, avaliado [...]” (APAAA, f. 3v, l. 1-2)

CASA DE FAZER FARINHA – Loc. Adj. Telheiro ou abrigo destinado ao preparo de farinha de mandioca.

Contexto: “[...]Uma **caza que serve para se fazer fari-/ nha** com seus accessorios constando de Bu-/ landeira, Prença, forno e côxos, avalia- [...]” (APAAA, f. 3r, l. 30-33).

Microcampo: Arredores da Fazenda

CANCELLA – S.f. Porta gradeada, em geral de madeira e de pequena altura; porteira.

Contexto: “[...]Os muros, vallados, Cercas e **Cancellas/** existentes na mesma fazenda, tudo avali-/ ados, por quinhentos e vinte e cinco mil/ reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.11-14)

CERCA – S.f. Muro, sebe ou valado com que se circunda e fecha um terreno.

Contexto: “[...]Os muros, vallados, **Cercas** e Cancellas/ existentes na mesma fazenda, tudo avali-/ ados, por quinhentos e vinte e cinco mil/ reis [...]” (APAAA, f. 3v, l.11-14)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A edição de documentos cíveis é um dos instrumentos que possibilita a sua conservação, porque evita o seu manuseio, facilitando a leitura dos mesmos por pesquisadores de diversas áreas do saber, além de trazer à tona informações de valor inestimável sobre a sociedade de então, com isso também se pode fazer a leitura daqueles a partir da edição semidiplomática.

Além disso, fazer um estudo lexicológico acerca do vocabulário rural das localidades baianas, Riachão do Jacuípe e Humildes, é de fundamental importância não só para a conservação da memória cultural como também do resgate linguístico do povo que habita essas localidades, ou melhor, estudar de forma sistematizada as lexias pertencentes a esse universo nos possibilita, até mesmo, incorporar no nosso vocabulário determinadas lexias que não conhecemos ou que não estão tão vivas em nosso cotidiano linguístico.

Além do mais, esse estudo pode nos permitir um aumento significativo do nosso conhecimento de mundo e do nosso acervo lexical, visto que nos possibilita conhecer o *modus vivendi* de outras culturas, resgatando, mesmo que de forma consciente ou não, a história, hoje adormecida, dos povos que as utiliza ou utilizavam.

REFERÊNCIAS

- BUENO, Francisco da Silveira. 1967. *Estudos de filologia portuguesa*. 5 ed. São Paulo: Saraiva, p.6-11.
- ROHLFS, Gerhard. 1960. *Diferenciación léxica de las lenguas románicas*. Tradução e notas de Manuel Álvaro. Madrid: Gredos.
- HOEBEL, E. Adamson et al. 1981. *Antropologia cultural e social*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Cultrix.
- BIDERMAN, Maria Thereza Camargo. 2001. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMT. p.13-22.
- SANTOS, Rosa Borges dos. 2009. Léxico e cultura. In: QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de (Org.). *Língua, cultura e sociedade: estudos sobre o léxico*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana. p. 11.